A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 25 | Domingo 18 de junho | 1893

D. Grimaneza Vianna de Lima

É pena que a photographia não represente a figura elegante e graciosa. É pena que, desenhando o busto, não deixe sequer adivinhar o sorriso em que os labios se entreabrem, e o fulgor das pupillas, quando brilham com os lampejos de um espirito delicado. Ainda assim, ninguem olha para este retrato, sem concluir immediatamente que o original realisa a harmonia feliz de uma grande distincção pessoal, e de uma elevada condição.

E assim é. A natureza, com mão larga e generosa, concedeu á sr.ª D. Grimaneza Vianna de Lima todos os dotes, que póde ambicionar uma senhora constituida na sua posição social.

Deu-lhe por patria o Peru, o paiz das maravilhas, terra a que os astros sorriem com a sua luz mais viva; onde as montanhas teem o dorso gigante cheio de prata; onde a brisa percorre ilhas afortunadas de verdura; onde os valles se alcatifam de flores do mais caprichoso matiz; onde nasce o Amazonas, rival do Oceano; onde vive o guanaco, o lama, a timida vicunha; onde os homens descendem dos Incas, que por seu turno descendiam de Manco Capac, filho do sol.

E, não contente de lhe dar uma tal patria, de a dotar com a belleza physica, a doçura de genio e a affectuosa bondade, que distingue a mulher peruana, fel-a nascer em Lima, proporcionando-lhe os meios de formar o gosto e educar o espirito n'uma cidade, que em extremos de elegancia e requintes de civilisação nunca cedeu a palma ás grandes capitaes europeas. Antigamente, assim como se dizia em linguagem official *a côrte de Madrid*, dizia-se tambem *a côrte de Lima*, quando se tratava da perola do Pacifico.

No intuito de aprender melhor os idiomas estrangeiros, e sobretudo com o fim de *mouiller* o *l* francez, a sr.ª D. Grimaneza terminou a sua educação no convento do Sacré Cœur em Paris. Voltou á terra natal; e dois annos depois de ter casado com o meu sympathico patricio, o sr. dr. Cesar Augusto Vianna de Lima, que na Republica do Peru representava o nosso querido Brazil com o seu provado talento, e com a sua hereditaria aptidão profissional, veio residir em Lisboa, para onde o marido fôra nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

* * *

Mocidade, belleza, intelligencia, cultura de espirito, elegancia, posição, bondade... digam-me se com um arsenal d'esta ordem é milagre chegar, vêr e vencer.

Uma, ou só algumas d'essas qualidades, se não promovessem a derrota, difficultariam enormemente a victoria, porque a sociedade não é um amalgama de vicios, nem uma crystallisação de virtudes; é um misto de franqueza, de brio, de generosidade, de talento, de illustração, de hypocrisia, de cynismo, de avareza, de inepcia, de ignorancia; um meio, em que a sublimidade das paixões anda a par da baixeza de sentimentos, pois se muitos entendem que «a boa fama, em homem e em mulher, é a joia mais excellente das suas almas,» tambem muitos lêem por uma cartilha, onde a falta de capital é o oitavo peccado do mesmo nome.

Ora, n'um meio assim composto, a intelligencia é

prejudicial entre aquelles, que sempre acham outro maior, que os admire; a illustração é um estorvo para captivar os ignorantes; a mocidade... não, não fallemos n'isso, que entre pessoas bem educadas não se falla de edades, nem de doenças, nem de religião; e a elegancia... oh! a elegancia é perigosissima, é venenosa, traz comsigo a animosidade dos que, sendo ricos, não a podem comprar com os seus milhões, e a inveja dos que, sendo pobres, não teem a certeza de a possuir, se alguma vez se acharem em identidade de posição.

Pelo contrario, quando os dotes, que enumerei, actuam simultaneamente, a sua resultante é uma força, que põe o exito ao abrigo de qualquer eventualidade. Eis o motivo, por que, no verão passado, quando chegou a Cintra a sr.ª D. Grimaneza, as senhoras receberam-n'a com effusão de cordialidade, os homens correram á porfia a depôr-lhe aos pés as suas homenagens, até os nevoeiros, que frequentemente envolvem aquella pittoresca região, dir-se-hiam transformados n'uma limpida atmosphera de sympathia para cercar a joven ministra do Brazil.

Durante o inverno, em Lisboa, as mesmas causas determinaram os mesmos effeitos n'um campo mais vasto, onde a sr.ª D. Grimaneza é alvo da mais subida estima, e onde frequenta com assiduidade as festas, a que concorre a fina flôr da sociedade portugueza.

Foi objecto de conversação durante alguns dias o baile *costumé* de segunda feira gorda em casa de um opulento banqueiro; e segundo a geral opinião, era estonteador o espectaculo das salas, em que todos os seculos e todos os paizes tinham ajustado reunir-se; em que pelo braço de um capitalista, que tem oiro como uma California, passeiava uma condessa que tem espirito como um duende; em que um rapaz enthusiasta e sonhador, vestido á Luiz XV, approximando-se de uma fascinante *marquise* da mesma epocha, e segredando-lhe timidamente: «*ton amour et une chaumière*,» obteve como resposta: «isso equivale a *une chaumière sans amour*.» Pois n'esse baile, uma das senhoras, cuja formosura realçava mais com o seu *costume*, era aquella que vestia de *crysanthème*. Todos o disseram em voz unanime.

*
* *

Triumphos eguaes a este preoccupam mediocremente a sr.ª D. Grimaneza Vianna de Lima, que os não engeita por certo (e qual é a senhora que os engeita?), mas que os encontra sem os procurar. A sua ambição, a sua mira é desempenhar dentro do lar domestico o papel consolador e sublime, que póde desempenhar toda a mulher, seja qual fôr a sua hierarchia, e que consiste em suavisar as contrariedades que assaltem o marido nas fainas da sua profissão, infundir-lhe coragem nos lances em que lhe falleça o animo, ajudal-o no exercicio do seu cargo, tornar-lhe grata a existencia com as delicadas vibrações da alma feminina, esse bello instrumento, cujo som é a voz da propria ternura, cujas notas teem o timbre dos cantos angelicaes.

O que espalha mais delicias dentro do lar domestico — diz Rousseau — é a cultura do espirito. E sabem todos que as feições mais caracteristicas do espirito da mulher são a sensibilidade e a phantasia. Pois em casa da sr.ª D. Grimaneza a collocação dos moveis, o arranjo das flores, a variedade dos *bibelots*, as coisas mais insignificantes, mais pequeninas, tudo reflecte a sua cultura intellectual, tudo accusa a sua fina sensibilidade, a sua phantasia.

É isso um poderoso subsidio para o homem bom e honrado, que a associou aos esplendores e vicissitudes da sua carreira; mas não pára aqui.

Em virtude do caracter de sociabilidade e franqueza, de que modernamente se revestem as relações internacionaes, não é raro que assumptos de grande monta se discutam entre o ruido das festas: que se estabeleçam n'uma *garden-party* as bases de um tratado, que se conceda uma indemnisação em quanto se dança um *cotillon*, e que um dito feliz, á sobremeza, ponha termo a um negocio, sobre que se hajam escripto duzias de notas infructiferas.

Uma grande força é pois ter boas relações. Para as contrahir é necessario tacto; para as alimentar e apertar o melhor meio é procurar a sua convivencia, recebendo-as. Que auxilio tão valioso póde prestar a mulher de um diplomata a seu marido! E a sr.ª D. Grimaneza, sob esse ponto de vista, collabora efficazmente para estreitar — para estreitar não — para conservar estreitissimos os laços de amizade entre o Brazil e Portugal.

Com effeito, nos magnificos jantares, que a legação brazileira offerece aos altos funccionarios da côrte e do estado, ao corpo diplomatico, e a muitas outras pessoas, ninguem estranha a gentileza do sr. Vianna de Lima, affeito desde muito novo aos habitos das sociedades mais severas em pontos de etiqueta. Extasiam-se porém todos ante a graciosa hospedeira, que aos vinte e tres annos de edade está, como se diz no theatro, perfeitamente dentro do seu personagem; recebe os convidados com a amavel naturalidade, que por via de regra só se adquire com a experiencia; não se esquece um instante á meza de que tem a seu lado, por exemplo, o presidente do conselho de ministros, e o nuncio de Sua Santidade; e depois nas salas, que os candieiros fingem illuminar porque assim decreta a moda, consegue que as horas corram tão bellas e tão rapidas, como aquellas de que o famoso Guido circumdou a Aurora.

Jovial e radiante de mocidade, a sr.ª D. Grimaneza dispõe as coisas de modo que a conversação nunca esmoreça, e isto sem sacrificar, nem molestar o proximo, e por consequencia demonstrando que o immortal Sheridan enganou-se redondamente, quando affirmou pela bocca de lady Teazle, que o espirito e a caridade são parentes tão chegados, que se não podem casar.

Algumas vezes, no mais animado do colloquio, a Saudade vem

...................no carro
Que pardas rôlas gemedoras tiram,

transporta a alma vibratil da peruana aos sitios em que lhe correu a meninice, e leva-lhe o pensamento para as novellas de Cisneros, para os romances de Lavalle, para as comedias de Segura, para as pedras preciosas que Adolfo Garcia constellou no inspirado soneto a Bolivar. A sr.ª D. Grimaneza deixa então vaguear a imaginação, e encaminha o dialogo para as recordações, que a cercam, da patria illustre e cara, como sejam retratos de pessoas queridas; ricos perfumadores em que os devotos queimam incenso acompanhando as procissões; productos ceramicos da mais antiga industria do Peru; e objectos de prata lavrada, que juntamente com alfaias e vestidos eram postos, nos valles encantados, dentro das sepulturas dos Incas, que voltavam á mansão etherea de seu pae, o sol.

*
* *

Só aos entes privilegiados é concedido apreciar as deslumbrantes manifestações do genio; mas a formosa bondade, quando se lhe junta o singular esmalte da educação, toda a intelligencia humana póde comprehender e avaliar. Mercê d'estes predicados invejaveis, a sr.ª D Grimaneza Vianna de Lima conquistou na sociedade portugueza um logar tão saliente, que a *Semana de Lisboa* não podia deixar de publicar o seu medalhão.

Convidado para escrever o artigo, que o acompanhasse, a minha primeira ideia foi escusar-me da tarefa, por desejar vêl-a confiada a um artista, que n'uma formula luminosa désse o perfil moral de uma senhora tão prendada e tão gentil. Se acceitei o honroso convite, e liguei assim o meu nome ao testemunho, dado pela *Semana de Lisboa,* do muito que admira a sr.ª D. Grimaneza Vianna de Lima, foi porque julguei esse testemunho, além de merecido, muito valioso. Tenho, effectivamente, para mim que, se ha no mundo coisa que não seja vã, essa tal é a admiração.

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS.

No proximo numero, medalhão de Venancio Augusto Deslandes. Artigo do Visconde de Castilho.

POLITICA SEM POLITICA

Pedem-se conventos para metter n'elles frades.

Enorme algazarra sobre o caso! A *grrande familia liberal*, que entende a liberdade só para si, apezar de catholica-apostolica-romana, nega o direito de associação religiosa.

Vê-se que os nossos liberaes não são da escola radical de Emilio de Girardin, que professava que «não ha meia liberdade, como não ha meia virgindade.»

Mas póde a *grrande familia* estar descançada. A proposta de lei para a concessão do convento de Santa Clara de Villa do Conde não será votada.

E para isso, além de varias sophisticas e efficazes allegações, derivadas do cathecismo pseudo-liberal, que já está sendo rebuscado, ha uma razão excellente e incontrovertivel, extrahida, quem havia de dizel-o? da culinaria franceza, em concorrencia com a propria sabedoria de Salomão:

Pour faire un civet, il faut un lièvre.

Ora, similhantemente, para fundar um convento de frades, é preciso... frades.

Com esta razão elementar, mas capital, affigura-se-nos que até os pretensos restauradores do *frade* poderão concordar, pois no nosso mundo, mais do que descrente, indifferente, não se divisam já naturezas com bastante idealidade para comprehenderem a grandeza do sacrificio, absoluto e incondicional, quer pela fé, quer pela civilisação.

As ambições hoje são materiaes, e quem tem um desgosto, uma dôr funda d'alma para lhe encher a vida, não se volta para Deus, como D. Manuel de Sousa Coutinho, o nosso frei Luiz de Sousa ou o duque de Gandia, Francisco de Borja, nem faz um poema como mais terrenamente aconselha Goethe, mas bota-se simplesmente á vida patusca.

A este systema de patuscada é que se chama espirito liberal, e quem professa algum respeito pelas cousas transcendentes da alma humana é forçosamente um reaccionario.

Impoliticus.

CARTA A GERVASIO LOBATO

Meu caro Gervasio:

A apreciação que v. fez, ha sete mezes, da *Estrada de Damasco*, tencionava eu responder em algumas linhas do prefacio que estou preparando para quando a peça fôr publicada em volume. Uma vez, porem, que v. agora, em segundo artigo no *Occidente*, me proporciona ensejo de falar da minha comedia, aproveito-o gostosamente, principiando por agradecer as lisongeiras palavras que lhe mereci.

Não tenho aqui presente o seu primeiro artigo; mas ainda hoje me recordo do que então ri, quando v. se referia a um seu amigo, que dispunha de um *ôlho* critico especial

para apreciar obras dramaticas. Este *ôlho* no singular é seu! Dizia v. que o tal amigo, ao assistir á leitura de uma peça, estabelecia immediatamente as tres seguintes hypotheses:— ou a peça tem um exito colossal, ou cae redondamente, ou não agrada, nem desagrada, e passa.

Mas como esse seu amigo todos nós temos um, que em França se chama *Monsieur de La Palisse* e em Portugal o *Amigo Banana*. Para prophetisar que uma peça tem exito colossal, ou cae redondamente, ou passa, não é mister, meu caro Gervasio Lobato, ter um ôlho critico especial; basta, quando muito, ter um olho cego vulgar. E deixe-me até dizer-lhe que lhe não invejo a posição, se v., de cada vez que tiver de apreciar uma obra dramatica, a vir atravez do tal ôlho do seu amigo. Antes não ver nada, do que vêr as cousas atravez de tal monoculo!

Observava v. no seu primeiro artigo que não deviam os que censuravam a pateada á *Estrada de Damasco* attribuir aquella manifestação hostil ao facto do auctor frequentar as salas da sociedade elegante, e usar colletes de setim! Permitta me um parenthesis.

Colletes de setim!— disse v. Mas, ó Gervasio, que mal lhe fiz eu para assacar semelhante offensa á minha singela e despretenciosa maneira de vestir?! Eu não lhe merecia o ultrage de affirmar que uso colletes de setim, Gervasio! Nunca os usei! Nunca os usarei! Antes v. dissesse que eu usava... colletes de força! Era tão pouco verdadeiro, mas era menos affrontoso, creia!

Está fechado o parenthesis.

Querendo v. affirmar o incontestavel direito de se mostrarem indignados os pateantes contra a obra dramatica e não contra a pessôa do auctor, vem, por seu turno, apreciar a *Estrada de Damasco*, e vê atravez d'ella a minha humilde pessôa.

Era meu desejo ter procedido como Echegaray, quando adoptou um pseudonimo para a sua primeira producção dramatica. Ficava assim a obra litteraria independente de qualquer influencia que no juizo da critica podesse exercer o nome do auctor. Nem a amizade havia de obscurecer o criterio dos que só n'ella vissem qualidades, nem o odio cegaria os que só n'ella procurassem defeitos. Não pôde ser!

Superior ao titulo da peça, lá figurava nos cartazes o nome do auctor, a inspirar por ventura a benevolencia de uns e a inveja e o pequenino rancôr dos outros. Paciencia!

O meu caro Gervasio não se livrou tambem d'essa influencia. Apreciando a peça, referiu-se ao meu passado litterario, asseverando que se eu não tivesse uma carreira gloriosa (muito obrigado) a *Estrada de Damasco* teria sido acolhida com louvôr, porque só n'ella realçariam as qualidades.

D'onde se infere que, se eu, em vez de ter escripto tres volumes de contos que mereceram o elogio da critica, os tivesse escripto que merecessem censura, estava salva a *Estrada de Damasco* e seria considerada uma obra prima, talvez egual ás melhores do Garrett. Vê, você, Gervasio, na que eu cahi!

E isto aterra-me, meu caro Gervasio, porque me vem demonstrar que o tribunal da critica tem uma noção da justiça contraria á dos outros tribunaes.

Vae á Bôa Hora um infeliz accusado de ter perpetrado um crime. O jury considera os antecedentes do reo, e toma á conta de attenuante o seu procedimento exemplar. Diminue a gravidade do delicto e chega a inspirar a indulgencia do tribunal o facto do accusado ter sido pessôa bem comportada e respeitadôra das leis e conveniencias sociaes.

Na critica litteraria, porem, o caso é differente, sendo o Gervasio Lobato juiz. Escrevi alguns contos bons? Pois a correcção d'esses contos, longe de attenuar, mais aggrava os defeitos da comedia que se lhes seguiu! Olhem que modo tão extravagante de justiçar! Imagine-se o que a critica diria, a que pena cruel me condemnaria, se eu, em vez de ter escripto os modestos *Contos d'aldeia*, tivesse publicado as brilhantes *Lettres de mon moulin*? Estava ha muito no Limoeiro! Se, em vez de ter feito o *Retrato dos paes*, tivesse escripto o *Lys dans la vallée*, já a esta hora andava palmilhando nos asperos desterros africanos! Se tivesse composto os *Luziadas*, então ninguem me teria livrado do rigôr da fôrca! É caso, meu caro Gervasio, de dar graças a Deus! Sou um modesto contista, e chamo-me Alberto Braga, podendo ter a suprema desgraça de ser A. Daudet, H. de Balzac ou Luiz de Camões!

Disse v., Gervasio Lobato, que a minha peça tinha defeitos, que a minha peça tinha qualidades, que não era tão má como asseveravam uns, nem tão bôa como apregoavam outros, e vem agora affirmar que não fez critica! Mas então o que fez v., se não fez critica? Fez por acaso *crochet*?

Eu tambem entendo que a critica é geralmente feita entre nós d'um modo muito superficial. Queria eu que os criticos procedessem nas suas apreciações como procede a cartilha de doutrina christã, quando expõe os sete peccados mortaes, oppondo a cada um d'esses peccados a respectiva virtude, e insinando assim que combatamos a *inveja* com a *caridade*, a *soberba* com a *humildade*, a *preguiça* com a *diligencia*, etc.

Não faz isto a nossa grande critica. Apregôa defeitos, não os demonstra, nem os corrige. Ao cabo da leitura d'esses artigos, o auctor criticado desconfia de que o apreciadôr não saiba corrigir, e acaba por suppôr que nem sabe apreciar! E em muitos casos — diga-se á puridade — não está longe da verdade!

Não quero suppôr que os nossos criticos (v. conhece-os!) estejam no caso dos criticos francezes, aos quaes Zola denomina *Messieurs les crétins de la critique*. Todos nós sabemos como esses escriptores portuguezes estudam e comprehendem o assumpto de que tratam. São quasi todos uns sabios. Succede até por vezes, ao terminarem um longo artigo de critica, terem de fazer nas redacções dos periodicos em que collaboram uma singella noticia de policia; e, quando estão relatando a troca dos tres sopapos entre dous meliantes d'Alfama, elles, por seu turno, vão dando o seu sopapo na syntaxe, e, ás vezes, é cada sopapo de pôr a grammatica de pernas ao ar! Isto, porem, são ninharias com que se não preoccupam os seus altos espiritos!

Que a minha peça tem defeitos, e muitos, não o contesto: uns que a critica superficialmente notou, outros que eu proprio observei durante os ensaios, e que a critica não viu. Mas — deixe-me dizer-lhe francamente — não eram esses defeitos tão graves que merecessem a guerra que se fez á *Estrada de Damasco*, representada n'um theatro em que teem sido applaudidas outras obras dramaticas de somenos valôr. Exigem os criticos que nós, os auctores, sejamos todos Dumas, Augiers, Paillerons e Mussets? Pois tambem nós exigimos que S. Ex.as, os criticos, sejam Taines, Philaretes Chasles, Sarceys, Vitus, Lemaitres, Rods e Fouquiers! Quererem que cada um de nós seja Cezar, contentando-se cada um d'elles em não passar de um triste João Fernandes, é que não póde, meu caro Gervasio Lobato, não póde, nem nunca poderá ser!

Eu não devo queixar-me da acceitação que o publico fez á *Estrada de Damasco*. Apezar de todas as cabalas na primeira representação, apezar da severidade de alguns artigos, a peça foi ouvida com agrado por tres mil pessôas, e pateada apenas por tres! Deu-se a tal supremacia da sola das botas sobre a pellica das luvas, a que v. engraçadamente se refere, e a manifestação de desagrado fez um enorme ruido. Alguns dos manifestantes com tal furia pateavam, que se diria estarem com pena de só dispor, n'aquella occasião, de dous pés!

Emfim, meu caro Gervasio, não ha remedio senão acceitar os pés e as solas como na realidade são!

O grande prazer em todas as producções litterarias que até hoje tenho publicado sinto-o quando as escrevo e as corrijo. A apreciação dos outros, ainda quando seja lisongeira, não me proporciona o prazer, o ineffavel prazer que tenho quando trabalho.

— Mas para que dá então as suas obras a publico? — perguntará v.

Porque não sou bacharel, nem medico, nem soldado, nem padre, nem artifice; e, como não tenho outros rendimentos senão os que proveem do meu trabalho, como tenho o amôr das lettras e não sei advogar, nem curar, nem commandar, nem dizer missa, nem fazer cadeiras, aproveito-me das aptidões que tenho e dos estudos que fiz para ganhar os meios de subsistencia.

Publico então os meus trabalhos, pelo mesmo motivo por que *Mephistopheles* explicava a *Martha* as suas continuas viagens:

— *Pure nécessité, madame!*

Como tenho a vaedade de suppôr que v. levou ao fim a leitura d'esta carta, peço-lhe que me desculpe ter-lhe roubado tanto tempo. Renovo-lhe, com profunda gratidão, os meus agradecimentos.

E creia-me sempre seu amigo, collega e sincero admirador.

ALBERTO BRAGA.

CHRONICA ELEGANTE

As corridas de cavallos no Hippodromo de Belem, realisadas na terça e quarta feira, fizeram com que a nossa sociedade elegante alli desse o ultimo *rendez-vous* da estação.

As senhoras do corpo diplomatico e as da aristocracia, trajando elegantes e claras *toilettes* de verão, reuniram-se sobre o recinto de pesagem em alegres grupos, apreciando mais a belleza do panorama que se disfructa d'aquelle ponto do que a velocidade dos poucos cavallos, que disputavam os premios, correndo na pista.

Reconheceu se então, mais uma vez, que Portugal não é paiz para ter aquelle genero de *Sport* tão apreciado e tão affamado na Inglaterra e em França. Faltam-nos os elementos essenciaes para tornar interessantes e attrahentes os espectaculos das corridas de cavallos. Não temos condelarias que criem productos especiaes, não temos carruagens de luxo, que se apresentem n'esses divertimentos, e nem temos as lindas creaturas, que atiram *par dessus les moulins* as toucas virginaes, substituindo-as por vistosos chapeos de Madame Virot, e que animam com o esplendôr dos seus vestuarios, com a audacia dos seus ditos e com o denodo das suas apostas, as bellas e famosas corridas dos hippodromos estrangeiros. Lucra muito com esta ausencia a moral, mas perdem os que ali vão, mais para fazer correr o *champagne* do que para fazer correr cavallos.

Com esta falta de animação, o espectaculo, ao cabo de alguns minutos, torna-se fastidioso e melancholico. Se, uma ou outra vez se ouve estalar a rôlha de uma garrafa, os curiosos que correm a vêr espumar o puro *Extra-dry*, ficam desapontados, vendo apenas fervêr nos copos os inoffensivos gazes de uma simples *limonada gazoza!*

O povo não accode, ainda que lhe seja facultada gratuitamente a entrada no hippodromo. Não entende, não se interessa e não se distrae, como entende, como se interessa e como se distrae n'uma corrida de touros. Ficam, pois, os *sportmen*, ou os que se querem impôr como taes, de binoculos a tiracollo, seguindo, com fementido interesse, um ou dois cavallicoques, que, com visivel esforço, correm ao fundo da pista, montados por *jockeis* improvisados!

Um dos mais bellos espectaculos, que Paris offerece quando no hippodromo de Longchamps se realisam as corridas, é a volta das carruagens e dos cavalleiros, desfilando ao longo da larga avenida dos Campos Elyseos

Entre nós, se alguem quizer observar uma grande fila de carruagens, excusa de ir até Belem, n'um dia especial de corridas; basta ir, em qualquer outro dia, para a porta dos Prazeres. Muito maior numero de carruagens leva o cortejo funebre de qualquer merceeiro do Bairro alto!

Para animação d'esse genero d'*sport* não ha em Lisboa como o caminho de um cemiterio! Que o digam o *Pingalho* e o *Paço d'Arcos!*

GRAZIEL.

MODAS

Em Paris, d'onde a moda lança os seus decretos, produz-se uma reacção que tem probabilidade de triumphar. A simplicidade, parece querer substituir o complicado, o excentrico em que infelizmente estavamos lançados.

Nos melhores *ateliers* já se não fazem saias guarnecidas de vivos largos ou de folhos sobrepostos. Nos dias do *vernissage*, sobre tudo no dos Campos Elyseos, a alluvião d'esses vestidos de côres disparatadas e de guarnições sem graça, que podia parecer que em França a mulher tinha abdicado o que faz ha seculos a sua reputação universal: a arte de vestir.

Portanto, estamos voltando ás saias singelas, flexiveis, redondas, lizas ou apenas guarnecidas em baixo. Alguns alfayates querem até fazer resuscitar os apontuados; e creio que será essa a novidade da proxima estação.

Para os bébés preoccupem-se as mamãs menos com a moda do que com o que é hygienico e pratico. Ponham-lhes os vestidos curtos que os deixarão correr á vontade sem risco de tropeçar e quebrar a cabeça, não lhes sumam as carinhas dentro d'uma *capeline* que os aquece e os incommoda, mas lancem mão d'um grande chapeu de palha desabado que os abrigue dos raios do sol. Tirem-lhes os cabellos da testa para evitar cançar a vista e talvez um strabismo medonho. As meias altas

substituam a piuga e deem a preferencia á bottinha sobre o sapato porque amparam melhor o tornozelo.

Vistam as creanças com fazendas de lavar. É mais aceado e mais pratico, pois livres da preoccupação de as ver sujar, deixal-as-hão, correr e brincar á vontade. É-lhes salutar o exercicio, e com as creanças, como com os servos, devem-se evitar as observações inuteis.

Se fizerem vestidos decotados ás meninas, sejam-no modernamente e tendo cuidado em cobrir a parte superior do braço e de apertar a manga para evitar que por baixo do braço o ar penetre no peito ou no estomago. Esta recommendação tem sido em todos os tempos dirigida ás senhoras por muitos praticos celebres. Actualmente fazem-se os vestidos das creanças com muita simplicidade. Capas franzidas na cintura, e as saias guarnecidas por cima da bainha com dous ou tres refegos. Fita de seda em torno da cintura.

As senhoras que não gostam de saia em corpo, deverão usar o colleto feito de tulle preto grosso com folhos sobrepostos guarnecidos de fitas estreitas de setim. Alguns são enfeitados de vidrilhos.

No penteado é muito moda pôr pregos de tartaruga clara, em forma de tridente ou de meia lua.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A CONSERVAÇÃO DA FRUCTA

Agora que se aproxima a estação de colher e conservar a fructa, publiquemos os seguintes conselhos de D. Clara:

A melhor maneira de conservar a fructa é guardal-a n'um aposento, em que haja frescura e pouca luz. Mandem fazer-se taboleiros de rêde de arame, e colloque-se n'elles cuidadosamente a fructa, de modo que se não toque entre si. O taboleiro não deve ser collocado no chão, para que o ar circule livremente.

Como é indispensavel renovar amiudadas vezes a atmosphera do aposento em que se conserva a fructa, abra-se a porta d'esse aposento, mas nunca a janella. E será muito conveniente escolher para este fim um quarto interior da casa por isso que o ar livre immediato é quasi sempre prejudicial.

É esta a melhor maneira de conservar por muito tempo as pêras, as maçãs, os limões e ainda os pecegos e os damascos, tão mimosos e tão sensiveis á acção do ar.

Quando, chegando o fim de outomno, se acha já desprovido o pomar, é consoladôr para uma bôa dona de casa ter bem provida a sua dispensa, e poder servir na sua meza as fructas mais delicadas e saborosas.

Anniversarios da semana

Domingo 18 — As sr.as: D. Julia Coleo, D. Ernestina de Mendonça, D. Rosaria de Jesus.

E os srs.: Augusto Cesar Cau da Costa, José Cyrillo Machado.

Segunda-feira 19 — As sr.as: Viscondessa da Ribeira do Paço, D. Leonor Lobo d'Avila (Valbom), D. Laura Villar Cardoso, D. Izabel Maria Cabral de Mitello.

E os srs.: D. Pedro de Mascarenhas (Sabugal), Manuel Maria Figueira Freire, João Pereira Craveiro Lopes Oliveira, Ricardo O'Neil.

Terça-feira 20 — As sr.as: Baroneza de Almargem, D. Maria Anna de Andrade Costa e Guimarães, D. Amelia Paes de Vasconcellos Abranches, D. Josephina Maria Hohreman.

E os srs.: Barão da Regaleira, D. Thomaz Antonio de Noronha, D. Fernando de Serpa Leite Pimentel, João Paulino de Proença Vieira.

Quarta-feira 21 — As sr.as: D. Maria Adelaide Bastos de Lima Tovar, D. Maria Clementina Bastos dos Santos, D. Maria Gonzaga de Almeida Teixeira.

E os srs.: Visconde de Castello Novo, D. Luiz Lobo da Silveira (Alvito), Joaquim de Almeida e Castro Villa Boas (Azenha), Luiz Jayme Aldim.

Quinta-feira 22 — As sr.as: Condessa de Castro, Condessa de S. Miguel, D. Maria da Orada da Silva e Castro, D. Emilia de Sousa Leite Alcoforado (Villa Pouca), D. Thereza da Camara Leme, D. Jesuina Simões d'Almeida.

E os srs.: Visconde do Cannavial, Francisco Bruno de Miranda, Eduardo de Andrade e Sousa, Ricardo Solano Lima de Albuquerque.

Sexta-feira 23 — As sr.as: D. Anna Bernex de Serpa Pimentel, D. Laura Joanna de Magalhães Sousa Albergaria, D. Sophia Guedes, D. Carlota Ribeiro da Cunha, D. Maria Carlota Paiva da Cunha.

E os srs.: Marquez da Graciosa, Barão das Lages, Barão de Hortega, Antonio José Teixeira, D. João de Menezes, D. Fernando de Almeida de Noronha (Anjeja), D. José de Sousa Coutinho, José Street de Arriaga e Cunha (Carnide), Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, João Monteiro Pinto da Fonseca, João Luiz da Costa e Silva.

Sabbado 24 — As sr.as: D. Maria Eugenia Leão Guimarães, D. Henriqueta Julia Urbano de Carvalho, D. Caetana Xavier Rodrigues, D. Maria Helena Correia de Noronha, D. Carolina Augusta Botelho Moniz Teixeira, D. Mathilde Emilia Ribeiro da Costa.

E os srs.: D. José Maria Salles de Noronha Guilherme Higgs, Marcos Ferreira Pinto Basto, Pedro José da Costa Alcobia.

BIBLIOGRAPHIA

ESPIRITO GENTIL

É assim que Luiz Osorio intitula o seu ultimo livro de versos.

Se o seu engenho e arte de poeta se não tivessem já affirmado em outros volumes, que mereceram á critica os mais justos e incontestaveis louvores, o *Espirito gentil* ahi estava para revellar as preciosas e peregrinas qualidades do seu notavel talento artistico.

Luiz Osorio n'este livro, feito n'um momento de verdadeira inspiração poetica, assignala qualidades de espontaneidade que nas outras suas obras quasi desappareciam sob o paciente esmero no burilar do verso. Não se julgue, porém, que é no *Espirito gentil* menos correcta e menos primorosa a forma. O poeta está senhor de todos os segredos da arte.

Sae-lhe o verso facil e conceituoso, e na variedade do metro, adquado sempre ás cambiantes do sentimento, é que se manifestam os recursos do seu engenho, vencendo elle facilmente os obstaculos aliás insuperaveis a quem não tiver, como Luiz Osorio, a mão assente e bem firme na factura do verso.

Todos estes predicados de artista, que só podem ser bem avaliados por quem aprecie os encantos da forma, alliam-se no *Espirito gentil* á espontaneidade e pureza do sentimento e á naturalidade da inspiração.

O *Espirito gentil* é um livro verdadeiramente encantador. Está longe, e felizmente está longe, de todos esses bysantinismos estravagantes que ultimamente ahi teem sido publicados, e que se, n'um momento de irreflecção, impressionam certos leitores, a breve trecho são reduzidos ao seu justo valôr. N'essa moderna escola nephelibata, onde figuram alguns poetas de reconhecido talento como Eugenio de Castro e Antonio Nobre, teem apparecido, a par dos *Oaristos* e do *Só*, outros volu-

mes de uma revellação de tão mesquinha aptidão artistica, que chegam a causar verdadeira magua! E' pena que se façam mover os prelos para a publicação de tão ridiculas bugigangas.

Felizmente, o *Espirito gentil* apparece como um protesto ás obras d'esses poetastros, a quem falta a inspiração, o gosto e o talento.

EPHEMERIDES SEMANAES

11 — Festa artistica de Alfredo Tinoco, dedicada a SS. MM., na praça do Campo Pequeno.

12 — A camara dos deputados approva o projecto do cabo para os Açores.

— Festejos a Santo Antonio, na praça da Figueira e nos arrabaldes de Lisboa.

13 — Primeira corrida de cavallos d'esta quadra, no hyppodromo de Belem.

14 — Segunda corrida no hyppodromo.

15 — SS. MM. e AA. partem para Cintra.

16 — Grande desordem em Telheiras, entre os herdeiros da afamada modista Madame Aline, disparando a filha d'esta cinco tiros de rewolver contra um creado de seu irmão, sem comtudo o ferir.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

Os espectaculos equestres, magicos e acrobaticos d'este circo continuam a attrahir, todas as noites, grande concorrencia de espectadores.

Na ultima recita da moda as honras da funcção couberam á mysteriosa Dicka, que exhibiu um trabalho novo, e á gentil *écuyère* Gabrielle Demansy. Depois das diversas scenas de magia branca e de prestidigitação, Dicka annunciou ao publico que iria ser decapitada. O assombro dos espectadores foi geral! E, effectivamente, perfilando-se ao fundo da sua camara mysteriosa e negra, pediu Dicka a um dos espectadores da plateia que contra ella disparasse dois tiros de pistolla. Á segunda detonação, appareceu no palco o tronco da artista, desprovido da respectiva cabeça, que se agitava ao lado, no ar, em movimentos de agonia! Um minuto depois, a cabeça dirigiu-se lentamente para os hombros de Dicka, a tomar o seu logar respectivo, e a mysteriosa artista adiantou-se até ao proscenio, agradecendo os applausos do publico.

Gabrielle Demansy apresentou n'essa noite o seu formoso cavallo *Sirkoff*, em liberdade. Elegantemente vestida de setim azul celeste, com preciosas guarnições de rendas, apenas entrou na pista, foi acclamada com uma calorosa salva de palmas.

Os *habitués* do circo, que tinham já admirado Gabrielle Demansy nos seus correctos exercicios de alta equitação, ficaram deveras surprehendidos por este seu novo trabalho. O cavallo *Sirkoff*, alazão *pur-sang*, artisticamente ajaezado com *pompons* amarellos e pretos, executou todos os passos ordenados pela gentil e graciosa *écuyère*. A um simples aceno do chicote e á mais ligeira observação, *Sirkoff* caminhava a passo, a trote ou a galope, saltando barreiras, recuando nas patas ou ajoelhando, conforme os desejos de Gabrielle.

O publico, reconhecendo os difficeis trabalhos da linda e perfeita amazona, fez-lhe uma enthusiastica ovação, chamando-a repetidas vezes á arena.

Gabrielle Demansy tem já propostas para ir trabalhar n'um dos melhores circos de Madrid, para onde partirá, logo que termine o praso da sua escriptura no Real Colyseu.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia de operetta italiana continúa n'este circo, variando repetidas vezes o seu reportorio, e sendo applaudida.

*

Principe Real

O Instituto (Cooperativa de Producção Typographica) realisa hoje o seu beneficio n'este theatro. É digna da protecção do publico esta cooperativa que se compõe de rapazes que de ha muito luctam com falta de trabalho.

O producto do espectaculo é para elevar as condições typographicas do Instituto afim de dar logar aos que se acham desempregados.

*

Circo Piatti

Reabriu hontem esta casa de espectaculos.

Entre as novidades que se apresentaram, distingue-se o notavel jogador de pau.

*

Nos outros theatros teem continuado os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

É hoje no Campo Pequeno o beneficio do distincto bandarilheiro Raphael Peixinho.

Bastantes foram os esforços que o beneficiado empregou para offertar ao publico que o estima e admira, um espectaculo maravilhoso.

Os *afficionados*, vão vêl-o pois, executar o arriscado salto de garrocha, em que elle tanto se distingue.

Adelino Raposo o intrepido cavalleiro, que de ha muito nos prende a attenção, recebe n'esta corrida a alternativa concedida pelo seu collega Casimiro Monteiro.

Calabaça toureia com ferros de palmo.

José Peixinho fará a sorte de cadeira.

O curro é do lavrador Manuel Duarte d'Oliveira, que se esmerou na escôlha, para não desmentir a reputação que merecidamente tem alcançado n'outras praças como bom *ganadéro*.

A tourada d'hoje, portanto, com todos estes attractivos deve ser uma gloria para Raphael Peixinho.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 a 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1